



## **AGROECOLOGIA, AGRONEGÓCIO E LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: NARRATIVAS DE UMA EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR**

Ana Claudia de Andrade Costa; Kyara Maria de Almeida Vieira.

*Universidade Federal Rural do Semi-Árido:* [annacosta0305@gmail.com](mailto:annacosta0305@gmail.com);

*Universidade Federal Rural do Semi-Árido:* [kyara.almeida@ufersa.edu.br](mailto:kyara.almeida@ufersa.edu.br)

Este trabalho visa relatar observações feitas em uma aula de campo de caráter interdisciplinar nas disciplinas de História das Experiências das Agriculturas, Introdução ao Ensino de Sociologia e Economia Solidária e Agroecologia do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O intuito da aula foi observar a diferença entre a produção da agroecologia e do agronegócio, além de identificar estratégias metodológicas que possam ser trabalhadas com os/as alunos/as do campo na escola básica. Essa visita foi feita no sítio Poço de Tilon, em que visitamos uma experiência de produção do agronegócio, com a produção de mamão; na Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (EMPARN), localizada no Sítio Lagoa do Clementino, onde tivemos a oportunidade de conhecer as pesquisas agropecuárias em andamento da região; participação na reunião do fórum de agricultura familiar no Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR), no qual podemos observar a organização dos agricultores e agricultoras das comunidades rurais da referida cidade; e por fim visitamos a casa do guardião de sementes nativas no Sítio do Góis. Todos os locais visitados são no município de Apodi-RN. Para tanto, pretendemos dialogar sobre a importância da aula de campo no processo formativo dos sujeitos inseridos no ambiente escolar, tomando como pressuposto a interdisciplinaridade.

**Palavras chave:** Educação de Campo, Agroecologia, Agronegócio, Interdisciplinaridade.

### **Introdução**

O processo de ensino aprendizagem é delicado tanto para os alunos/as como para os professores/as, pois exige comunicação de ambas as partes para poder construir juntos um saber significativo e de qualidade. É a partir desse ponto de vista que acreditamos na contribuição da metodologia de aula de campo no processo de formação dos sujeitos, tendo em vista que essa prática leva os alunos/as a terem um contato maior com suas realidades e a assim associar com os conteúdos trabalhados em sala de aula, pois acreditamos que a teoria não pode dissociar-se da prática.

Dentro dessa perspectiva foi que se pensou a aula de campo envolvendo três disciplinas de duas áreas de conhecimento: a Ciências Humanas e Sociais (História das Experiências das Agriculturas e a Introdução ao Ensino de Sociologia), além da Economia Solidária e Agroecologia alocada na área das Ciências Naturais. Ambas as áreas compõem



habilitações que pertencem ao curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Semi-Árido.<sup>1</sup>

Trabalhar a interdisciplinaridade no curso de Licenciatura em Educação do Campo sempre foi um desafio. Desde o início do curso essa prática se apresentou timidamente, para a primeira turma do curso iniciando em 2013 e só a partir do 6º período é que essa prática vem sendo mais trabalhada. Nessa perspectiva, esse trabalho tem como objetivo principal narrar as experiências e observações feitas em uma aula de campo interdisciplinar na qual foi analisada a diferença entre a produção agroecológica e do agronegócio, além de identificar estratégias metodológicas que possam ser trabalhadas com os/as alunos/as do campo da educação básica.

Essa visita nos possibilitou ver as experiências das agriculturas a partir de outro olhar, pois um caso é você saber o que os teóricos falam a respeito, outra é você ver a prática: conversar com quem tem a terra como seu único padrão, respeitando-a e tirando dela apenas o que ela lhe oferece; por outro lado, conversar com quem trabalha a partir de outra prática, visando o capitalismo, o lucro, mas que tem uma história por trás daquela produção, ver a organização dos/das agricultoras/es, e o relato de alguém que está a mantendo uma tradição de guardar as nossas sementes, e cuidar para que as pessoas não esqueçam que a natureza é soberana e quando violentada dar a resposta, e nós é quem sofremos as consequências.

É importante frisar que uma das principais discussões do curso da Licenciatura em Educação do Campo é sobre a importância da agroecologia e a interdisciplinaridade. No nosso curso essa prática que vem sendo possível a partir das aulas de campo quando alguns/as docentes trabalham juntos/as, possibilitando aos alunos e alunas visualizarem o campo a partir de outra lógica. Fazer isso de forma interdisciplinar se configura como um feito importante, pois mostra que é possível fomentar um saber diferenciado. Sendo assim;

Faz-se necessário no processo educativo, de uma leitura mais dinâmica e diferenciada do mundo vivido e percebido. Nesse contexto, a aula de campo na disciplina de história é essencial, pois através dela é possível identificar de fato o que é estudado em sala de aula, possibilitando dessa maneira para a percepção do aluno, às diversas interações do homem e o seu meio. (ALMEIDA, 2013, p. 01)

---

<sup>1</sup> O curso de Licenciatura em Educação do Campo da Ufersa teve sua origem com o Edital n°. 2, 2012 SESU/SETEC/SECADI/MEC, que defini a criação e/ou ampliação de cursos de Licenciatura em Educação do Campo em quarenta universidades do país. A LEDOC-Ufersa teve início em dezembro de 2013 e oferece as habilitações em Ciências Humanas e Sociais ou Ciências Naturais, tendo o/a aluno/a que optar por uma delas a partir do 5º semestre. Nossos/as estudantes são oriundos/as de comunidades rurais de diferentes municípios, incluindo Mossoró, Angicos, Apodi, Areia Branca, Campo Grande, Janduís, Portalegre, Porto do Mangue, Serra do Mel, Tibau, Itaú e Upanema do Rio Grande do Norte, além de comunidade rural do município de Aracati do Ceará.



Não só na disciplina de História, a aula de campo possibilita entrecruzar teoria e prática e, no nosso curso, além dessa possibilidade, a referida aula possibilitou a experiência da interdisciplinaridade.

A partir da idéia de afirmar que “A Ecologia se refere ao sistema natural de cada local, envolvendo o solo, o clima, os seres vivos, bem como as inter-relações entre esses três componentes. Trabalhar ecologicamente significa manejar os recursos naturais respeitando a teia da vida” (PRIMAVESI, 2008, p. 9), foi que surgiu a possibilidade de conhecer as experiências vividas no campo e a partir de então tentar desmistificar a lógica capitalista do agronegócio que diz a todo instante que é a forma certa e mais moderna de se produzir, pois trará rentabilidade para o país e acabará com a fome. Mas, surge um questionamento a partir da problemática observada: em virtude da lógica capitalista a que custos se têm esses lucros com o agronegócio? Quem se beneficia? Que modernização é essa? Segundo Mapa (2009, apud NOVAZ et all, 2010, p. 5)

Nos últimos anos, poucos países tiveram um crescimento tão expressivo no comércio internacional do agronegócio quanto o Brasil. Em dez anos, o país dobrou o faturamento com as vendas externas de produtos agropecuários e teve um crescimento superior a 100% no saldo comercial.

De acordo com a afirmação dos autores o Brasil superfatura com o agronegócio, e fica claro que quem se beneficia são os grandes empresários. Como falar em desenvolvimento e modernidade se apenas uma pequena parcela da população se beneficia? Percebemos que o agronegócio é um modelo que só visa rentabilidade.

Para nós povos do campo, essa forma de modernização não serve, e sim, se configura como um meio do capitalismo se sobrepor aos povos camponeses. Para os povos do campo o conceito de modernidade vem atrelado à qualidade de vida em que as pessoas possam produzir seu próprio alimento de forma ecológica e solidária, que vem se fortalecendo cada vez mais com as discussões sobre agricultura familiar.

Dessa maneira, é preciso reconhecer que a agricultura familiar vem distanciando-se da visão de atraso e ineficiência, como também da produção apenas de subsistência e de "aversão" ao mercado, pois tem buscado estabelecer estratégias de inserção no mercado de maneira sustentável. Diante da perspectiva de sustentabilidade para o espaço rural é que surgem as propostas alternativas de espaço de comercialização como, por exemplo, as feiras agroecológicas. (SANTOS; SIQUEIRA; ARAUJO; MAIA, 2014, p. 38)

Assim, destacamos que conhecer as relações de poder e de produção dos lugares nos quais estamos inseridos é de suma importância para a prática do ensino aprendizagem. Poderemos relacionar a teoria e a prática e assim produzirmos um ensino que discuta os riscos



da agricultura agroexportadora, incentivando-os a produzir de forma ecológica, e assim partilhar seus conhecimentos para que promova reeducação ambiental, e a valorização da agricultura cultivada pelos nossos antepassados.

Nossa aula de campo se deu em localidades do município de Apodi-RN: primeiramente visitamos o sítio Poço Tilon; em seguida a visita foi na Empresa de Pesquisa Agropecuária do Rio grande do Norte (EMPARN); a terceira visita foi ao Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Apodi (STTR), e a quarta no Projeto de Assentamento Tabuleiro.. Em cada uma dessas visitas foi observada questões peculiares de cada localidade que será descrito nos próximos itens.

## **Metodologia**

A aula de campo descrita neste capítulo propõe uma observação das informações obtidas através da pesquisa de campo relacionada com os aportes teóricos discutidos em aula. Segundo (JOSÉ FILHO 2006, p.64 *apud* PIENA 2009, p.167), “O ato de pesquisar traz em si a necessidade do diálogo com a realidade a qual se pretende investigar e com o diferente, um diálogo dotado de crítica, canalizador de momentos criativos”. Foi pensando nas experiências dos povos do campo que a aula de campo foi organizada, no intuito de associar a teoria com a prática e formular um conhecimento significativo a partir do entrecruzamento das três disciplinas: História das Experiências das Agriculturas, Introdução ao Ensino de Sociologia e Economia Solidária e Agroecologia.

Nesse sentido é que o referido trabalho vem propor uma leitura diferenciada sobre as práticas de ensino, e como fazer de uma aula de campo um momento singular para a partilha e produção de conhecimentos.

O estudo aqui apresentado possui aspectos teóricos, metodológicos e práticos. De acordo com os embasamentos teóricos estudados podemos dizer que a vivências aqui parafraseadas tem o sentido de complementar o que em sala de aula foi debatido. Portanto, destacamos que metodologicamente esse trabalho é fruto de uma revisão bibliográfica e de pesquisa de campo, estes que serão narrados nos tópicos seguintes.

Para a aula de campo a metodologia utilizada foi a seguinte; saída da universidade no período da manhã com destino a Apodi-RN para podermos observar as práticas do agronegócio e agroecológicas. Visitar uma produção baseada no agronegócio, visitar a Empresa de pesquisa Agropecuária do Rio grande do Norte (EMPARN) para conhecermos as pesquisas da instituição; participar do fórum de agricultura do Sindicato dos trabalhadores e trabalhadoras rurais de Apodi (STTR) e por fim conhecer as experiências de seu Golinha no



sítio do Góis zona rural da referida cidade. Foi solicitado que em cada visita escrevêssemos em nosso caderno de campo as principais observações sobre cada experiência, com a finalidade de narrar as visitas através de um relatório, fazendo relação com os textos discutidos em sala.

## Resultados e Discussão

Aqui serão apresentados os resultados da aula de campo e das visitas feitas a cada localidade. O que pudemos observar das atividades desenvolvidas em cada comunidade percorrida, em que tivemos a oportunidade de refletir como as experiências que essas pessoas, ou organizações podem nos abrir um leque de possibilidades de se trabalhar com os nossos alunos e alunas. Uma das primeiras observações que fizemos a partir da aula é como é fundamental estar em contato com os homens e as mulheres do campo, principalmente se tratando de uma licenciatura voltada para povos do campo.

### Visita a uma produção do agronegócio



A primeira visita aconteceu no sítio Poço Tilon<sup>2</sup>, localizada na zona rural da cidade de Apodi, às margens da BR 405 Nessa comunidade conhecemos a experiência do agronegócio, que tem como proprietário um jovem a qual denominamos de Pedro. Este trabalha desde os 16 anos no ramo: antes como funcionário, e só recentemente se tornou dono do seu próprio negócio junto a um sócio. É de relevância citar que ele nos recebeu muito bem, e de forma gentil nos levou para conhecer a sua plantação que se configura ainda como uma produção

---

<sup>2</sup> Poço Tilon é uma comunidade rural localizada no município de Apodi-RN, às margens da BR 405. Um sítio pequeno, em que 40% de sua população é emigrante, vindos do Estado da Paraíba no ano de 1974; até esse anos o Poço Tilon tinha poucos habitantes. Hoje sua principal fonte de economia deriva-se da agricultura e da extração de pedra. Segundo um dos moradores mais antigos do Lugar, Seu Edilson, a comunidade surgiu porque o acesso a água vinha de um poço de uma fazenda cujo proprietário chamava-se Seu Tilon. O mesmo deixava a população abastecer suas casas com a água do poço, a partir daí todos começaram a chamar o local de Poço de Tilon.

<sup>3</sup>Todas as fotos são de arquivo pessoal das autoras.



mediana, mas que, segundo ele, em cerca de 3 anos a produção seja em grande escala. O mesmo produz atualmente banana e mamão, tem um quadro de funcionários composto por 16 pessoas, e destas apenas 2 mulheres, pois segundo ele “O serviço é pesado para o público feminino”. As mulheres foram contratadas para fazer a limpeza dos pés de banana.

Observamos como o trabalho da mulher nesse espaço (e em outros) é estigmatizado e desvalorizado. Em nenhum momento Pedro mostrou desconfiança do trabalho masculino, mas relatou que estava sempre observando o trabalho das mulheres para ver se elas estavam “dando de conta” do trabalho. Isso mostra o quão à mulher é posta em suspeição, e quanto precisa se esforçar para conseguir um trabalho numa sociedade em que o patriarcado ainda impera. Como afirmam Santos & Oliveira (2010, p. 9) “Para o entendimento das formas de opressão vivenciadas pelas mulheres, partimos do pressuposto de que homens e mulheres vivem sob dadas condições objetivas e subjetivas que são produto das relações sociais.” Relações essas que ficam explícitas quando chegamos em um ambiente de trabalho como o visitado, e vemos que o homem, pelo simples fato de ser “homem” detém o poder de mando e as melhores posições; e os homens que são também empregados não passam por testes a mais, já as mulheres tem que passar por vigilância específica, e a todo tempo serem observadas, trabalhando sobre pressão

O mesmo ainda relatou que sua propriedade tem cerca de 40 hectares, e que sua mão de obra é quase toda mecanizada. Pedro relata ter certo “cuidado” com a terra, o que denominou de trato cultural, utilizando na sua plantação fertilizantes como fósforo e potássio, para estimular o crescimento da banana, que é comercializada em Fortaleza-CE e Caruaru-PE, e do mamão que é produzido para exportar para o Canadá e Alemanha.

Quando questionado sobre as pragas de sua plantação ressaltou que ainda não teve problemas com insetos em sua plantação, e que o único que atingiria de forma mais agressiva seria o Moleque, um besouro que come a raiz da planta.

Uma das frases que mais nos marcou e que nos fez fazer uma reflexão foi quando ele afirmou: “Terra não se acaba! É ilusão! Basta cuidar direitinho e dar um descanso a ela que ela volta a produzir”. Essa frase é o oposto de tudo que discutimos nos espaços que fomos sobre agroecologia, pois sabemos que se a terra não for cuidada com respeito ela esgota, e fica improdutiva.

Na sua plantação de mamão o cuidado é mais acentuado do que na plantação de bananas, pois o melhor é exportado, e o de menos qualidade fica no mercado brasileiro. O mamão por ele produzido é de sementes transgênicas, vindas do Japão, pois é a única aceita para a venda no exterior. Durante as explicações o proprietário, apesar de não ter tido



formação acadêmica, demonstrou que detém um conhecimento científico do seu campo de produção.

Quando Pedro foi questionado sobre se as chuvas prejudicavam a plantação, relatou que não, que economizava em partes e que aumentava os gastos em outras, como nos fungicidas, para evitar os fungos. Isso quer dizer que a injeção de fertilizantes aumenta e conseqüentemente a contaminação não apenas da fruta, mas também do meio ambiente. Ainda relatou que o mamão dura cerca de 6 a 9 meses para sair para o mercado. Após esse tempo, planta outra cultura para a terra descansar e iniciar novamente a produção.

A visita foi bastante significativa, pois só ouvimos sobre o agronegócio na universidade, nos eventos e o que lemos nos artigos científicos. Poder conhecer de perto essa cultura nos fez ver o quanto mal faz a nossa alimentação, que apesar da história de vida do rapaz ser de superação, por não ter tido oportunidade de estudar e que desde os 16 anos que trabalha, é triste saber que o capitalismo é alienador e que para algumas pessoas a rentabilidade é mais importante que a qualidade de vida, mas que também não podemos julgar o trabalho do rapaz, pois foi o que ele aprendeu a fazer. O agronegócio o moldou e o fez acreditar que é aquela a forma correta de desenvolvimento.

### **Visita a EMPARN**



A segunda visita foi na Empresa de Pesquisa Agropecuária do Rio Grande do Norte, localizada no sítio Lagoa do Clementino, zona rural de Apodi-RN. Tem em média 25 anos de existência e possui 200 hectares. Quem nos recebeu foi a gerente, que possui formação em agronomia e está à frente da empresa há seis anos. Um técnico que trabalha no local nos



mostrou o espaço e fez alguns esclarecimentos sobre o papel da EMPARN. Ambos relataram que muitos pensam que a empresa se delimita apenas nas atividades de meteorologia, sendo que na verdade atua em vários setores como: campo de pesquisa, produção e como foi mencionado, na meteorologia. Realiza a plantação de palmas, produção de feno, estudos sobre caprinos, produção de sorgo, milho e feijão que se configuram dentro da produção de semente certificada pelo Ministério da Agricultura. Quando questionados sobre a seca da região, os mesmos nos falaram que improvisaram uma irrigação só para não deixar as plantações morrerem.

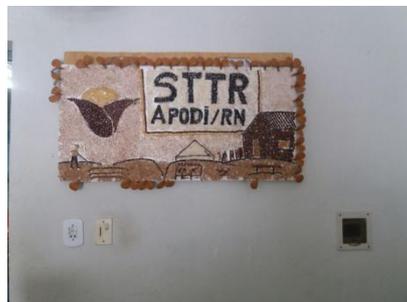
Ainda foi relatado que os estudos e a produção que é feita pela EMPARN fica restrita apenas às instituições filiadas. Outras pessoas, como os agricultores e agricultoras, não tem acesso às pesquisas ou ao material produzido. Então surge um questionamento: do que adianta toda essa estrutura e pesquisas realizadas com dinheiro público se os pequenos produtores não têm acesso?

O único espaço de campo que podemos visitar em virtude das chuvas e do tempo limitado foi à plantação de palma forrageira, que segundo a gerente tem uma tese de doutorado sendo desenvolvida a partir da plantação do local. Pelo que foi observado à palma é bem resistente à seca, e por isso a opção de se plantar a mesma, além de ser uma planta característica das regiões áridas que serve para fazer forragem para os animais e que é um projeto de parceria com o governo do Estado e Federal. A ideia é que no futuro a EMPARN produza raquetes sementes para distribuir para os pequenos produtores. Atualmente a EMPARN estar com 10 hectares de palma forrageiras sendo três variedades: miúda, orelha de elefante, e a Ipa sertão. Ainda foi mencionado que os salários dos funcionários são através desses projetos que concorreram a editais públicos.

Como filhos e filhas de agricultores que somos, alguns/as de nós moradores/as de comunidades rurais localizadas nas proximidades da EMPARN, não sabíamos de suas funções, do trabalho que desenvolve, de quem a financia. A partir das discussões feitas em sala, somadas à nossa visita, foi possível perceber que o dinheiro público aplicado em políticas públicas voltadas aos povos do campo, nem sempre chega ao seu destino final: o povo campesino, posto que muitas das pesquisas realizadas na EMPARN não têm seus resultados revertidos para os pequenos agricultores/as.



## Visita ao Fórum de Agricultura Familiar



Saindo da EMPARN seguimos para o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Apodi (STTR), onde estava acontecendo assembleia dos/as seus/as associados/as. Observamos a divulgação de propostas de dois editais: um para trabalhar com a produção de leite e o outro para trabalhar com a agricultura, hortaliças, fruticulturas e etc, que estavam abertos para projetos que tivessem como princípio a agroecologia e a agricultura familiar.

Observou-se que para o projeto ser aprovado a produção tem que ser agroecológica e cada associação que queira submeter o projeto, terá que fornecer uma contrapartida financeira para poder executar o que pede no edital. Vale frisar que os editais foram apresentados por um representante da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural. (EMATER) que tratam de “promover ações extensionista, direcionada para o trabalho educativo e para o crédito rural supervisionado, buscando viabilizar tecnologias voltadas para a melhoria da produção, aumento da produtividade e aproveitamento das riquezas naturais” (EMATER, 2016).

Essa visita foi muito gratificante apesar de não termos presenciado todo o evento mais notamos o quanto os agricultores e agricultoras do Apodi estão organizados, e como a agricultura familiar é bem debatida e discutida nesse espaço. Aquelas pessoas que ali estavam percebem quão importante é esse diálogo e buscam melhorias para a sua produção.

## Visita ao Guardião de Sementes





Chegamos a nossa última visita no Assentamento Tabuleiro Grande, na casa de seu Golinha. Um nordestino que traz na sua simplicidade uma grandeza que não cabe em palavras. Passar aquela tarde ouvindo os relatos de Seu Golinha foi incrível. Podemos dizer que foi o ápice da aula de campo, incluído a opinião da turma. Até então só o conhecia através dos relatos do guardião de sementes nativas da caatinga. Para completar o encanto, Seu Golinha é cordelista.

Golinha, guardião de semente, agricultor, faz parte do Projeto de Manejo da Caatinga. O mesmo disse que começou o trabalho de cuidado com as sementes incentivado pelo pai. Não teve formação escolar. Herdou do seu pai o título de guardião de sementes, que vem desde o seu bisavô e está hoje na sua terceira geração sem nunca usar nem um tipo de agente químico em suas sementes e em sua plantação. Um trabalho fundamental para a reconstrução da caatinga. Hoje é reconhecido em vários estados, por onde leva suas sementes e mostra sua importância através de sua voz, e também faz permuta com outros agricultores/as.

O Guardião de Sementes relatou que fica extremamente feliz quando ver um grupo como aquele (nossa turma) interessado em dar continuidade ao que ele começou, incentivando a produção agroecológica, sem nenhum tipo de insumos; uma produção limpa, e saber que seu projeto continuará mesmo quando ele se for. Seu Golinha além de nos mostrar algumas de suas sementes, que já soma mais de 450 espécies, nos passou valores singulares sobre o respeito a terra, nos mostrou que precisamos cuidar da terra com carinho, senão ela estafa. Fez-nos ver que é mais sabido que muito doutor de academia. Com o jeito gentil e educado do guardião de sementes compreendemos, na prática, os princípios da agricultura familiar que havíamos discutido em sala de aula: não visa só a rentabilidade, mas o respeito, com o outro, a gentileza, e amor pela terra.

Observamos que em alguns espaços visitado, um certo cuidado com o meio ambiente podemos citar como sendo um desses lugares o Projeto de Assentamento Tabuleiro na casa de um senhor a quem denominamos de Seu Golinha. O mesmo é conhecido como o guardião de sementes por fazer um trabalho muito importante na preservação da caatinga. Seu Golinha coleta sementes tanto nativas quanto crioulas, em seu banco de sementes tem cerca de 450 variedades. É um ato de coragem, de cuidado e de afeto para com a natureza.

## **Conclusões**



Podemos destacar que a aula foi de suma importância para nosso aprendizado. Tivemos a oportunidade de conhecer pessoas com experiências incríveis, que se aproxima da nossa realidade e de alunos/as oriundos do campo. Percebemos que são momentos como esse onde se fortalece a educação do campo, e o diálogo com os povos camponeses. Podemos dizer que a aula de campo é fundamental para o processo de ensino aprendizagem, porque além de romper com os paradigmas de uma educação tecnicista precisamos, enquanto futuros educadores, atentar para essas metodologias de ensino, pois além de ser atrativa para os alunos/as é enriquecedora para docentes também.

Pensar essa Educação é colocar discentes em contato com sua realidade, é contextualizar a teoria com a prática e poder discutir os conteúdos partindo das vivências de cada um e de cada uma. Falar de agronegócio, agricultura familiar e agroecologia é falar de vida e morte, e apenas as aulas dentro dos muros da academia não dão conta de falar/ entender sobre o assunto. É preciso ir a campo, conhecer as variadas realidades, e traçar metodologias de ensino, para que essa educação ambiental e social chegue ao máximo de pessoas.

É preciso compreender que nesse e em outros contextos os povos do campo tem muito a nos ensinar. E que o método de aula de campo pode ser trabalhado não só no ambiente universitário, mas desde a educação básica, pois é interessante para as crianças e jovens terem contato com suas realidades desde cedo, para que possam valorar e buscar melhorias para suas localidades.

Concluindo, a referida aula de campo e nos possibilitou perceber que se faz necessário falar sobre esses povos e para esses povos, para que suas culturas e saberes atravessem outras fronteiras, e toquem os corações.

Podemos relacionar aspectos referentes às três disciplinas envolvidas na aula: observamos a relação com a Agroecologia e Economia Solidária a importância de uma soberania alimentar, da sustentabilidade, da relação entre as pessoas e o meio ambiente para a promoção de uma vida saudável.

Na disciplina de História das Experiências das agriculturas observamos o entrelaçar de conhecimentos, o saber histórico das comunidades visitadas e aspectos da chamada “modernização do campo”. Como também a relação dos dois modelos de produção: o agronegócio e a agroecologia.

Na disciplina Introdução ao Ensino de Sociologia identificamos os problemas sociais, e ambientais, além da discussão sobre a importância da preservação do meio ambiente, além das relações sociais como a igualdade de gênero na esfera do trabalho. Vimos com tudo isto



que é possível se construir um saber a partir da interdisciplinaridade utilizando a aula de campo como recurso metodológico.

Muitas vezes algumas pessoas (alunos/as) vão ao campo com um olhar de superioridade e voltam com outro olhar e a percepção de que esses povos mais têm a nos ensinar do que nós a eles. São pessoas com conhecimento de vida, de prática, são memórias, lutas acumuladas de muitos anos, saberes que universidade nenhuma poderá transmitir, pois são ensinamentos que só se aprende vendo, vivendo e sentindo.

## Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Maria das Graças Batista de. Desbravando Horizontes: A importância das aulas de campo no ensino de história. Disponível em: <[http://www.editorarealize.com.br/revistas/eniduepb/trabalhos/Modalidade\\_1datahora\\_27\\_09\\_2013\\_14\\_52\\_20\\_idinscrito\\_1071\\_26a8c2e64d49ad9bcb2090054f21e0fe.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/eniduepb/trabalhos/Modalidade_1datahora_27_09_2013_14_52_20_idinscrito_1071_26a8c2e64d49ad9bcb2090054f21e0fe.pdf)> Acesso em 22 de Julho de 2017.

LOBATO, Anderson Cezar. *Contextualização: um conceito em debate*. 2008. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0173.html>>. Acesso em: 25 de julho de 2017.

NOVAES, Amilton Golinha et al. Análise dos fatores críticos de sucesso do agronegócio brasileiro. 2009. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/15/839.pdf>> Acesso em: 14 ago. 2017.

PIANA, MC. A construção do perfil do assistente social no cenário educacional [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 233 p. ISBN 978-85-7983-038-9. Available from SciELO Books: <<http://books.scielo.org>>

PRIMAVESI, Ana Maria. Agroecologia e Manejo do Solo. In. *Revista Agriculturas*, vol. 5, Nº 3, setembro de 2008.

SANTOS, Christiane Fernandes dos; SIQUEIRA, Elisabete Stradiotto; ARAÚJO, Iriane Teresa de; MAIA, Zildenice Matias Guedes. A Agroecologia como perspectiva de sustentabilidade na agricultura familiar. In. *Ambiente & Sociedade*, São Paulo v. XVII, n. 2, p. 33-52, abr.-jun. 2014.

SANTOS, Silvana Mara de Moraes dos; Oliveira, Leidiane. Igualdade nas Relações de Gênero na Sociedade do Capital: Limites, Contradições e Avanços. Florianópolis: Rev. Katál, v. 13, n. 1, p. 11-19 05 fev. 2010. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rk/v13n1/02.pdf>> acesso em: 14 ago. 2017.

VIEIRA, Kyara Maria de Almeida Vieira. História e Memória: comunidades rurais do semiárido nordestino e suas práticas culturais. Projeto de Pesquisa – PIBIC – UFERSA. Mossoró, 2016.